

Saúde pública não trataria bem da asma

■ Especialistas reunidos em congresso afirmam que hospitais contrariam recomendação da OMS e usam remédios ultrapassados

ROSELENA NICOLAU

BELO HORIZONTE — Os médicos brasileiros afirmam que a saúde pública trata a asma — uma doença que pode estar atingindo cerca de 10 milhões de pessoas no país — de maneira ultrapassada e ineficiente. Além de estar dispendendo recursos de forma inadequada, o governo, através do Ministério da Saúde, está causando um atraso no tratamento da doença e desrespeitando um consenso existente entre especialistas, apoiados pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Segundo médicos reunidos no Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tsiologia, na capital mineira, a asma é uma doença controlável e, se tratada convenientemente, evita a maior parte das 300 mil internações financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O problema é que os medicamentos disponíveis na rede pública não são mais os indicados.

O pneumologista paulista Carlos Alberto Pereira conta que a Sociedade Brasileira de Pneumologia e outras entidades tentam, desde 1990, convencer ao governo a trocar os medicamentos utilizados na rede pública e, portanto, distribuídos para a população mais carente. Um documento intitulado *Consenso Brasileiro no Manejo da Asma*, assinado pelos médicos da área, demonstra que a melhor maneira de tratar a doença é com brônquio-dilatadores por inalação e com anti-inflamatórios, já que a é o resultado da inflamação das vias aéreas.

A rede pública brasileira utiliza medicamentos em comprimidos,

como o brônquio dilatador Amino-filina. "Este remédio ninguém mais indica há décadas. Está completamente obsoleto", destaca Pereira. O outro brônquio dilatador disponível é o Aerolin, via oral. Os anti-inflamatórios não são distribuídos pelo Ministério da Saúde, afirma o médico.

Ele lembra que o custo da medicação apropriada é certamente mais elevado do que a atualmente adotada, mas ressalva que esta é uma questão relativa, já que os remédios inadequados e as consequências de um tratamento imediato são ainda mais onerosos tanto para o indivíduo quanto para o país. "Os remédios ideais permitem melhor controle da doença, evitando, por exemplo, que trabalhadores falem ao serviço, crianças deixem de ir às escolas para ser internadas", adverte.

Conhecimento — A doença, alerta Pereira, precisa ser tratada com consciência. "O doente tem que conhecer a asma", diz ele. Na busca da disseminação de um tratamento apropriado, que permite ao asmático uma vida totalmente normal e raramente desequilibrada por crises próprias da doença, a Sociedade Brasileira de Pneumologia tem incentivado a criação de centros de educação em asma, já existentes no Rio, São Paulo e Porto Alegre. De acordo com Pereira, os centros são, até o momento, financiados pelas universidades, não contando com o apoio do Ministério da Saúde.

A confusão no diagnóstico clínico é comum em casos de asma,

bronquite crônica e enfisema. Membro da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tsiologia, o médico Laércio Moreira Valença, de 58 anos, alerta que os sintomas semelhantes das três doenças tendem a enganar até mesmo os radiologistas. Entretanto, a asma, ao contrário das outras duas enfermidades, não é uma doença progressiva e pode ser perfeitamente controlada.

Moreira Valença, pneumologista de Brasília, presente no Congresso, destaca que os pontos de identidade entre a asma, a bronquite crônica e o enfisema são diferenciados a partir da observação minuciosa das alterações nos órgãos e nos tecidos.

Apesar da falta de estatísticas brasileiras, o pneumologista lembra que as doenças respiratórias afetam grande parte da população mundial. Nos Estados Unidos, 6% da população sofrem de asma e 10 milhões de adultos são vítimas de enfisema e bronquite — as duas últimas estão intimamente relacionadas com o cigarro.

As semelhanças entre a asma e o enfisema passam pelo excesso de ar no pulmão, causando a distensão do órgão, além da falta de ar, a tosse e a expectoração no doente. Moreira Valença lembra que a distensão do pulmão, no caso do enfisema, está associada à destruição do tecido, o que não acontece na asma. Entre a asma e a bronquite a coincidência do aspecto da doença está no fato de ambas provocarem um muco espesso, com o estreitamento dos brônquios, além da falta de ar ao se fazer esforço físico.